

FIM DE ANO

RUBEM BRAGA

E' noite de Natal, e estou sozinho na casa de um amigo, que foi para a fazenda. Mais tarde talvez saia. Mas vou-me deixando ficar sozinho, numa confortavel melancolia, na casa quieta e comoda. Dou algumas telefonemas, abraço à distancia alguns amigos. Essas poucas vozes, de homem e de mulher, que respondem alegremente à minha, são quentes, e me fazem bem. "Feliz Natal, muita felicidade!"; dizemos essas coisas simples com afetuoso calor; dizemos e creio que sentimos; e como sentimos, merecemos. Feliz Natal!

Desembrulho a garrafa que um amigo teve a lembrança de me mandar ontem; vou lá dentro, abro a geladeira, preparo um uisque, e venho me sentar no jardinzinho, perto das folhagens umidas. Sinto-me bem, oferecendo-me este copo, na casa silenciosa, nessa noite de rua quieta. Este jardinzinho tem o encanto sabio e agreste da dona da casa que o formou. E' um pequeno espaço folhudo e florido de cores, que parece respirar; tem a vida misteriosa das moitas perdidas, um gosto de roça, uma alegria meio caipira de verdes, vermelhos e amarelos.

Penso, sem saudade nem magua, no ano que passou. Há nele uma sombra dolorosa; evoco-a neste momento, sozinho, com uma especie de religiosa emoção. Há tambem, no fundo da paisagem escura e desarrumada desse ano, uma clara mancha de sol. Bebo silenciosamente a essas imagens da morte e da vida; dentro de mim elas são irmãs. Penso em outras pessoas. Sinto uma grande ternura pelas pessoas; sou um homem sozinho, numa noite quieta, junto de folhagens umidas, bebendo gravemente em honra de muitas pessoas.

De repente um carro começa a buzinar com força, junto ao meu portão. Talvez seja algum

amigo que venha me desejar Feliz Natal ou convidar para ir a algum lugar. Hesito ainda um instante; ninguem pode pensar que eu esteja em casa a esta hora. Mas a buzina é insistente. Levanto-me com um certo alvoroço, olho a rua, e sorrio: é um caminhão de lixo. Está tão carregado, que nem se pode fechar; tão carregado como se trouxesse todo o lixo do ano que passou, todo o lixo da vida que se vai vivendo. Bonito presente de Natal! O motorista buzina ainda algumas vezes, olhando uma janela do sobrado vizinho. Lembro-me de ter visto na quella janela uma jovem mulata de vermelho, sempre a cantarolar e espiar a rua. E' certamente a ela quem procura o motorista retardatario; mas a janela permaneceu fechada e escura. Ele movimentou com violencia seu grande carro negro e sujo; parte com ruido, estremecendo a rua.

Volto à minha paz, e ao meu uisque. Mas a frustração do lixeiro, e a minha tambem, quebraram o encanto solitario da noite de Natal. Fecho a casa e saio devagar; vou humildemente filar uma fatia de presunto e de alegria na casa de alguma familia amiga.

29. 12. 51

B. A.

489